

EGITO: COSMOPOLITISMO MULTICULTURAL E OS RITMOS DO MISTÉRIO ETERNO

EGYPT: MULTICULTURED COSMOPOLITANISM AND THE RHYTHMS OF ETERNAL MYSTERY¹

Nikos Gousgounis²

Maria Célia da Silva Gonçalves³

Abstract: The article "Egypt: Multicultural Cosmopolitanism and the Rhythms of Eternal Mystery" is devoted to examining certain aspects of the interrelation between the uniqueness of Egyptian culture and elements of modernity. Relying on the concept of multicultural cosmopolitanism, the author aims to convey the idea that in Egypt there is an organic coexistence of ancient Egyptian traditions and Islam, which allows speaking of a "dual culture" of Egyptians living in two historical dimensions. This fact leads to Egypt being perceived by representatives of Western culture as a bearer of cosmopolitanism, where the "past" closely intertwined with the "present" is a dominant aspect of Western interest.

Keywords: Egito. Cultura. Cosmopolitanism. Multiculturalism

Resumo: O artigo "Egito: Cosmopolitismo Multicultural e os Ritmos do Mistério Eterno" dedica-se a examinar certos aspectos da inter-relação entre a singularidade da cultura egípcia e elementos da modernidade. Apoiando-se no conceito de Cosmopolitismo multicultural, o autor visa transmitir a ideia de que, no Egito, existe uma coexistência orgânica entre as tradições antigas egípcias e o Islamismo, o que permite falar de uma "cultura dual" dos egípcios, vivendo em duas dimensões históricas. Este fato leva o Egito a ser percebido por representantes da cultura ocidental como um portador de cosmopolitismo, onde o "passado" entrelaçado intimamente com o "presente" é um aspecto dominante do interesse ocidental.

Palavras-chave: Egito. Cultura. Cosmopolitismo. Multicultural.

1. INTRODUÇÃO

Qual é o significado da identidade cultural nas condições pós-modernas atuais? Como essa noção, outrora favorita nas investigações antropológicas e etnográficas clássicas, pode ser definida sob as circunstâncias recentes de globalização e explosão midiática? Optamos pelo exemplo egípcio para estudar este assunto por múltiplas razões: primeiro, para explorar o poderoso mito Norte/Sul em termos culturais e como esse mito ainda opera tanto aos olhos ocidentais quanto aos orientais. O Egito era visto como o canto no extremo sul do mundo clássico mediterrâneo greco-latino e, posteriormente, europeu.

Ao mesmo tempo, o Egito permanece um lugar oriental por excelência no imaginário popular europeu. Essa dupla localidade permite que o Egito figure como um LIMITE da "expansão civilizada". É uma terra que produziu a primeira grande civilização e que atualmente serve como margem sudeste da civilização atual. A consequência dessa dupla identidade geográfica também possui seus análogos culturais: a Gloriosa Antiguidade e a mentalidade religiosa islâmica. Em segundo lugar, como um local turístico de grande interesse massivo, o Egito demonstra uma dupla qualidade de país tradicionalmente sagrado e moderno, onde passado e presente coexistem. A propaganda turística ilusória para este país foca na forma piramidal de seus monumentos clássicos

¹ Uma versão preliminar foi publicada em língua inglesa no Boletim da XABAPIIBI BECTHIK. Série de Estudos Orientais. Nº 1 (15).

² Doutor em Antropologia Social Universidade de Sorbonne. Professor Pedagogical Institute of Athens University. E-mail: nikos333999@yahoo.gr

³ TRADUTORA deste artigo. Pós-doutora em Educação Pela PUC-GO, Universidade Católica de Brasília- (UCB) e Universidade Autónoma de Madrid- UAM. Estágio Pós-doutoral em Economic History Department of Law, Economics, Management and Quantitative Methods-DEMM da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO- (Benevento, Italy). Visiting Professor da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO. Pós-doutora em História pela Universidade de Évora. Escola de Ciências Sociais e CIDEHUS/Universidade de Évora. Doutora em Sociologia e Mestre em História pela Universidade de Brasília – (UnB) E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

e ignora a realidade islâmica atual. A fragmentalidade dos nossos hábitos midiáticos combina Pirâmides com hotéis luxuosos e, para o imaginário popular dos turistas em massa, o Egito é uma terra criada para receber visitantes como uma representação de seu passado envolto em climatização e alimentação limpa. No entanto, a realidade da dupla cultura egípcia espera nas ruas lotadas e nos assassinatos terroristas de turistas que levaram o presidente dos EUA a inserir o Egito em suas famosas diretrizes de “países inseguros” para turistas americanos que pretendem visitá-lo. Os turistas atuais precisam se sentir livres com seus cartões de crédito no bolso, livres de obrigações e prontos para conhecer novas coisas conforme preparado pelos guias do grupo. Respeitando teoricamente os direitos dos habitantes de serem "diferentes", os turistas pós-modernos permanecem completamente indiferentes aos hábitos desses habitantes enquanto visitam enormes museus e pirâmides.

Iremos tentar demonstrar em nossa análise que uma viagem à alteridade egípcia quase mitológica e quase real não pode deixar de ser elíptica, plural e infinita, brevemente uma viagem a uma diferença não hierárquica. No entanto, existem aspectos muito mais interessantes dos encontros com a Alteridade durante uma aventura egípcia. Será acidental que o mais bem-sucedido e poderoso espírito do cosmopolitismo tenha florescido uma vez nesta terra sob o nome de Alexandrismo? Este espírito que se reproduziu até recentemente permitiu a fusão de muitas culturas diferentes sob o mesmo sol, ao mesmo tempo que incentivou a importação de modelos culturais estrangeiros sem perder os mais antigos. Este modelo de cosmopolitismo tolerante é radicalmente oposto aos modelos habituais de dominação de um modelo cultural sobre outro, tão comuns em casos análogos na Europa ou na América.

O Alexandrino - ou o cosmopolita por excelência - serviu como modelo ideal da pessoa que poderia facilmente sentir-se "em casa" enquanto estava em seu lugar e recebendo modelos estrangeiros importados, bem como no exterior, onde poderia facilmente exportar seu próprio modelo cultural sem dispostos a dominar a população local. Esta qualidade do internacionalismo inclui vários riscos. É preciso pagar o “preço” da sua liberdade pessoal de escolhas e decisões ou das suas qualidades ou habilidades éticas para entrar e “viver” na posição do “OUTRO”. Vivendo na liminaridade das fronteiras ou mesmo reduzindo as fronteiras físicas e culturais, um verdadeiro cosmopolita corre o risco de ser sempre mal interpretado por fanáticos intolerantes (como Hipátia, a eminente filósofa grega que foi morta por multidões cristãs em Alexandria no final da era helenística). O único risco que este tipo de pessoa nunca enfrenta é o risco de ser alienado ao ser absorvido pelo seu modelo cultural próprio e único. Ele pode ser “aliado” ou diferenciado, mas nunca alienado.

O que a lição do cosmopolitismo "local" pode nos ensinar, sejamos visitantes componentes da massa pós-moderna ou simplesmente visitantes de uma terra de eternidade? Qual é a diferença entre o alexandrino clássico e o cosmopolita visitante de hoje, se é que existe alguma? Talvez o critério para classificar um visitante nesta categoria resida em sua capacidade potencial de distinguir as formas culturais originais daquelas prefabricadas para consumo turístico. Sem dúvida, a interpretação deste visitante sobre a originalidade será parcialmente influenciada por todas as "mecânicas representativas" que incorporaram material estereotipado em sua mente desde os primeiros dias de escola, juntamente com todas as ilusões que esse conhecimento pode implicar. Após retornar de sua visita, este visitante sensível perceberá que o "Egito real" ainda está longe de sua visão, mas essa visão foi significativamente melhorada por sua visita e encontros pessoais com a alteridade egípcia.

Há também um último ponto importante sobre o "enigma" egípcio: a interconexão de sua paisagem com a dimensão temporal, expressa pelos ritmos cíclicos eternos. O tempo é percebido como uma qualidade bastante distinta, e a maneira como as pessoas se movem nesta terra tem muitos pontos em comum com a noção freudiana de forte, ou em outras palavras, o jogo infantil de aparecimento/desaparecimento. Se a dimensão temporal, complementar à espacial, é responsável pela coexistência de duas identidades culturais de um cosmopolitismo tolerante — se não alienado pelo fanatismo religioso —, então devemos admitir que essa dimensão é muito

importante. Era conhecido desde a Antiguidade que todo o país — ou seja, o vale do Nilo cultivado — aparecia e desaparecia anualmente após as cheias do rio. A tecnologia importada (soviética) conseguiu, no início dos anos sessenta, domar o monstro construindo a enorme barragem de Assuã. A arrogância humana e os interesses políticos negligenciaram que, a longo prazo, a Natureza sempre vence. O prazo de validade para esse tipo de construções, que não ultrapassa 50 anos de vida, está se aproximando e, após alguns anos, o Egito experimentará seus ritmos cíclicos eternos.

Não há muito espaço para disciplina organizada e hierárquica nesta terra, e os turistas perceberam há muito tempo o paradoxo e o fenômeno inexplicável — aos olhos ocidentais — do caos circulatório no Cairo, onde ninguém respeita a sinalização, mas todos tentam obter prioridade nos cruzamentos e rotatórias, buzinando. E, ainda assim, não são relatados acidentes nesta forma caótica de circulação, como se os deuses do Egito favorecessem esse sistema espaço-temporal irracional. Esta qualidade interessante do povo egípcio, perfeitamente adaptada às particularidades espaço-temporais de sua terra, reflete em sua multipolaridade cultural resultante de seu contexto geográfico-histórico. Esse aspecto da vida que um verdadeiro cosmopolita percebe de imediato, porque é um pré-requisito de seu próprio cosmopolitismo, foi mantido na sombra e negligenciado pela publicidade turística que continua reproduzindo o modelo estereotipado ilusório de um passado glorioso imóvel, periodizado após as dinastias faraônicas e demonstrado por múmias estáticas nos cemitérios modernos da cultura que são os museus bem climatizados.

2. CONHECIMENTO E GEOGRAFIA NA ERA PÓS-MODERNA

O Egito foi, ao longo dos séculos, a lendária terra da primeira civilização. No entanto, este berço de culturas antigas e habilidades humanas, selado por construções monumentais, nunca deixou de produzir novas formas culturais. Sob a ocupação árabe, o milagre da cultura islâmica começou no Egito para se expandir em todas as direções. O cosmopolitismo egípcio é interior, no sentido de que é necessário viver nesta terra para se sentir como um cidadão do mundo. Múltiplas culturas tiveram sempre a qualidade de coexistir e florescer, sem falar das religiões. Hoje, a antiga tradição e o culto prático do Islã coexistem de maneira mais harmoniosa, permitindo falar de uma "dupla cultura" dos egípcios que vivem tanto nos níveis históricos passados quanto presentes, seguindo os ritmos eternos do rio Nilo. Parece que toda influência estrangeira é impotente para mudar esse ritmo lento de evolução e que a crise dos valores ocidentais não tem lugar no Egito. A famosa declaração de um japonês ocidentalizado⁴ sobre o "fim da História" em 1989, logo após a queda do Império Soviético e o fim da competição entre superpotências, têm pequeno efeito em uma terra de ritmos eternos onde a História segue seu próprio caminho.

A questão levantada neste paper, relacionada ao aspecto da alteridade durante viagens, é, em sua profundidade, um problema de conhecimento do que o recém-chegado deve adquirir se realmente pretende se aproximar do "outro diferente". Isso constitui um problema de Geografia, pois ao visitar novas paisagens, é necessário adaptar-se a novas condições relacionadas a questões climatológicas e geográficas. No entanto, a Geografia física é subordinada à realidade cultural e social de uma população viva em terras como o Egito, onde cada canto da paisagem "tem seu próprio passado e presente para narrar" e o selo humano é pesado em todos os lugares. Algumas afirmações sobre o declínio da importância das fronteiras físicas sob a informação tecnológica pós-moderna (como a criação de novos espaços virtuais) não podem deixar de parecer ingênuas em países como o Egito.

Os visitantes pensam que antes de chegarem sabem tudo sobre o passado infinito, mas logo descobrem que nada sabem sobre o presente. Isso não é uma ilusão de tempo, mas também de espaço. Os encontros humanos provam ser mais importantes do que o fluxo de informações impessoais entre terminais. O tempo ganha novo valor e uma semana é mais crucial do que um ano no computador. O espaço é redescoberto por meio de caminhos culturais, já que o espaço habitado por humanos não é impessoal como podem ser as informações sobre esse mesmo espaço.

⁴ Francis Fukuyama. *The end of History*, 1989

O "espaço experimental", como dito por Mannheim para definir o conhecimento produzido por grupos ou comunidades específicas, prova ser mais poderoso do que nossas realidades virtuais atuais propagadas pelo ciberespaço caótico, sem fronteiras e ilimitado. Acostumamo-nos a viver em um espaço fantasmagórico que supomos governar (*ciber* de *cybernetes* grego, o governador), mas na realidade não conseguimos gerenciar nem nossos ritmos humanos muito influenciados pelo fluxo de informações artificiais e mecânicas através da Rede. Mas o espaço é reanimado, assim como nosso senso de tempo ao encontrar seres humanos reais e diferentes, acostumados há séculos a encarar a vida mais como um jogo de barganha e oferta, usando o mesmo mecanismo do jogo infantil descrito por Freud.

Neste lugar, as pessoas caminham todas juntas em grandes multidões, carregando seus filhos consigo, nunca ousando deixá-los longe porque simplesmente precisam estar todos juntos. Ao encontrar alguém, conhecido ou desconhecido, caminham diretamente em direção a essa pessoa, tentando tocá-la, olhando diretamente nos olhos e fazendo propostas. Até mesmo os comerciantes no bazar central propõem preços três vezes mais altos apenas para ter o prazer de diminuí-los depois durante a barganha árabe costumeira e correr atrás do cliente propondo novas ofertas. Todos esses movimentos e interações possuem uma aura muito diferente dos nossos modos ocidentais comuns e sua lógica paradoxal dá novas dimensões à nossa experiência.

Mas quem somos "nós", senão os cidadãos cansados das metrópoles suburbanas da "racionalidade ocidental", que adoram a velocidade e a representação fragmentada da realidade por meio de mídias ilusórias e simuladoras e que carregam nosso tédio e alienação de nossos objetivos sem sentido mesmo ao visitar a tão proposta "Outridade"? Tendemos a acreditar em todas as construções simulativas de mitos falsos criados por agentes turísticos astutos, da mesma forma que seguimos a idiotice cotidiana de nossas mídias pluralistas e "democráticas" e ainda aceitamos agir assim mesmo sabendo das razões e dos resultados depende de nossos atos! Nossa alienação é principalmente uma alienação do conhecimento, pois não conseguimos captar seu verdadeiro significado e continuamos a confundi-lo com informações falsificadoras. Nossos sistemas educacionais nunca tentaram nos ensinar métodos de transformar essa informação em conhecimento útil e até mesmo como fazer nossas escolhas. Não somos educados nem mesmo para selecionar nossos interesses. Mas o interesse também perdeu seu sentido estrito que era "olhar para o diferente e apropriá-lo" em grego. Como poderíamos nos aproximar da *outridade* e de todas as diferenças que ela pode incluir se não temos interesse pelo conhecimento? Conhecimento significa também o conhecimento do outro e o entendimento mútuo durante o próprio ato da interação que seguirá ao encontro. A interpretação vem depois. Em vez disso, em nossa racionalidade utilitarista e individualista ocidental, criticamos e julgamos os atos dos outros a uma distância de segurança pessoal e nossas interpretações apresentadas como críticas e objetivas são as mais subjetivas e arbitrárias no seu máximo.

3. CULTURA E MITO DUPLO EGÍPCIO AO LONGO DOS TEMPOS

O paradoxo egípcio do cosmopolitismo é combinado com a construção paralela de um duplo mito: o da Antiguidade clássica e o da pedra angular islâmica. Os egípcios aprenderam a aceitar estrangeiros entre eles enquanto desenvolviam a noção do que Ibn Chaldoun denominou UMRAN (por exemplo, a cultura abrangente e fundamental), resultando em formas criativas de intercâmbio e influência interculturais. Ibn Chaldoun, um intelectual nascido na Tunísia, que passou a parte mais produtiva de sua vida intelectual no Cairo, durante o século XIV, chama o Egito de "mãe do mundo, palácio do Islã e fonte de todas as artes e ciências". Atualmente, reivindicações por um retorno à "pureza" das tendências culturais originais ou nativas foram recentemente estabelecidas tanto por acadêmicos ocidentais quanto por intelectuais egípcios. No entanto, a menos que se compreenda a essência do processo de amalgamação cosmopolita através de vários períodos históricos, não se pode interpretar com sucesso nem a Antiguidade egípcia nem o Orientalismo islâmico.

A classificação cultural do Outro, como exercida por antropólogos culturais de culturas locais, tentando entender melhor o Outro e, assim, fazer menos injustiça aos povos indígenas, resultou em uma falsa estrutura de cultura e religião local que negligenciou uma longa tradição de intercâmbios e influências interculturais produtivas. Pelo ato de isolar uma cultura indígena local e reduzi-la à sua suposta fonte histórica "original", os observadores externos interpretaram de forma equivocada a maneira esférica de criação dessa cultura como resultado de uma interação cultural cosmopolita entre diferentes povos no passado. Os forasteiros, como observadores do "local", forneceram ou investiram de maneira muito simples suas próprias imaginações sobre o que se supunha ser a "essência" e o "real" da cultura do Outro. Na verdade, eles projetaram suas próprias tradições culturais, criando uma pseudo imagem de "Orientalismo ao contrário". Por esses meios, não é paradoxal como um cruzamento de trocas culturais como o Egito serviu como o local ideal para a construção de mitos falsificatórios que preservaram todo o seu caráter DUPLO: o passado remoto e a realidade atual. Ambos foram falsificados pela mesma razão: que os construtores desses mitos nunca perceberam que uma cultura nunca é a criação de um povo isolado, mas é, antes, o fruto de trocas multiculturais. O que se tentou demonstrar como uma tendência cultural pura e original era, na realidade, o produto indireto de uma interação multicultural encorajada pela tolerância tradicional e abertura a tudo que é novo, que compunham a verdadeira essência do cosmopolitismo.

A partir do século XIX, a Etnologia classificatória alemã e o Orientalismo⁵, visando compreender mais profundamente a "alma" do Outro oriental, e preservando ao longo do século XX a tendência de externalização classificatória de culturas alienígenas, acadêmicos e exploradores ocidentais do "Oriente exótico" contribuíram para a criação do enigma egípcio duplo, apresentado como uma realidade paradoxal muito antes da chegada da era do turismo. Alguns dos intelectuais indígenas ficaram presos desde a sua visita. O turismo globalizado de hoje pode servir como um análogo, enquanto é alimentado por todas as facilidades tecnológicas e financeiras para penetrar nas diferentes hospedeiras, levando seus turistas com o mínimo de risco e o máximo de lucro, mantendo e garantindo os modelos padrões de estética para seus agentes — agora chamados de clientes — e tirando deles grandes valores como preço por seus serviços.

Mas a globalização é mais um artefato contextual que serve mais como um alibi para intelectuais pós-modernos que pretendem assegurar a todos os potenciais turistas que o globo inteiro está securitizado sob a monopolização capitalista de valores (financeiros, estéticos e morais). Suas reivindicações de expansão global do MESMO contra todas as particularidades locais possíveis consiste, antes, no aspecto mais moderno de crenças ou ideias utópicas. Ilusões intelectuais propõem segurança enquanto são propagadas como modelos de qualidade de vida pela mídia, visando ao aumento do negócio de viagens ao redor do planeta. Uma vez, os estrangeiros eram considerados divinos pelos nativos devido à sua escassez. Hoje, as coisas foram revertidas. Os nativos são considerados raros, especialmente em áreas turísticas altamente lotadas onde mais turistas se reúnem para visitar os locais muito anunciados onde os verdadeiros nativos já não existem mais, mas fingem estar lá como representantes de uma tradição supostamente existente, enquanto servem, na realidade, à indústria turística.

No entanto, existem alguns outros aspectos dos estilos de vida atuais no sistema cultural ocidental de valores, moderados pela tecnologia e pelas comunicações de *mass media* e ciberespaço tardios, que destacam novos pontos de concepções caracterizadas como ideias pós-modernas de um mundo pós-industrializado, abastado e urbanizado, cansado de ser "progressivamente (linearmente) desenvolvido" e nostálgico pelo passado "inocente" de suas origens rurais (feudais) inseguras. Esses estilos de vida, muito influenciados pela nova concepção ecológica de desenvolvimento alternativo e proteção dos ecossistemas, criam uma nova corrente de ecoturismo na qual os participantes, em pequenos grupos, concentram seus esforços na peregrinação respeitosa de locais ameaçados.

⁵ Referimo-nos à Escola Difusionista de Antropologia Social, desenvolvida no início do século XX na Alemanha por Fritz Graebner e Wilhelm Schmidt.

4. REFERÊNCIAS

FUKUYAMA, Francis. **The end of History**. New York: Macmillan, Inc. 1989

SAID, Edward. **Orientalism**. Nova York: Vintage Books, 1979.

WEBER, Max. **The Religion of China: Confucianism and Taoism**. Translated by Hans H. Gerth. New York: Free Press, 1951.

WEBER, Max. **The Religion of India: The Sociology of Hinduism and Buddhism**. Translated by Hans H. Gerth. New York: Free Press, 1958.

WEBER, Max. **Ancient Judaism**. Translated by Hans H. Gerth. New York: Free Press, 1952.